



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de encerramento do Encontro de Administradores do Banco do
Brasil no estado de São Paulo**

São Paulo-SP, 02 de março de 2010

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Guido Mantega, ministro da Fazenda,

Caro deputado Paulo Maluf, aqui presente. Até pensei que eras um gerente do Banco do Brasil, eu fiquei procurando qual agência.

Meu caro companheiro Dida, presidente do Banco do Brasil, por meio de quem cumprimento todos os vice-presidentes, toda a direção do Banco do Brasil e todos os gerentes do Banco do Brasil, as funcionárias do Banco do Brasil, nossas gerentes,

Primeiro... Ô Dida, olhe uma coisa. Se apagássemos essa luz aqui você iria pensar que você estaria em uma floresta com tantos vaga-lumes, que são essas luzinhas de celulares acessas para cá.

Segundo, eu fiquei pensando, depois de ouvir o Dida, depois de ouvir o Guido, a Dilma – e eu sabia do sucesso da Luiza Trajano, aqui, hoje de manhã –, eu fiquei imaginando o que falar para os nossos companheiros e companheiras do Banco do Brasil.

Eu queria, possivelmente, fazer o mais curto pronunciamento em homenagem ao Banco do Brasil que eu já fiz. Eu já fui muito puxa-saco do Banco do Brasil. Nunca recebi contribuição na minha conta bancária por conta disso. Ainda não entrei no crédito consignado, mas quando deixar a Presidência quero ser bem atendido em uma agência, pelo gerente da agência de São Bernardo do Campo, que quando eu entrar lá tem que sorrir, me



atender bem. Fazer como a Luiza faz na loja dela. Ela ri porque quer vender. O gerente do Banco do Brasil pensa que ele quer dar uma coisa dele, não. Você está vendendo um produto. Qual é o produto? É o crédito que tanto nós precisamos para o País crescer. Mas tudo isso, depois que terminar o mandato, nós conversamos, querido Dida.

Uma coisa importante, companheiros, que o Dida certamente não falou porque sofreu muita pressão ali para encurtar o discurso dele, mas que eu vou dizer para vocês aqui o seguinte: primeiro, o Banco do Brasil tem que ser tratado como um dos orgulhos do nosso país. Nós, muitas vezes, fomos doutrinados a acreditar que o servidor público brasileiro, seja ele do Banco do Brasil ou não, não é bom, ganha demais e trabalha pouco. E eu perguntava ao companheiro Dida: qual é o salário do presidente do Banco do Brasil? Eu não vou dizer, para os vice-presidentes não fiquem fazendo pressão para querer ganhar o mesmo salário. Mas, veja, o presidente do Banco do Brasil, o maior banco do Brasil e o maior banco da América do Sul, certamente não ganha um terço do que ganha o presidente do banco que seja o terceiro ou o quarto colocado neste país. Possivelmente, só de bônus, eles ganhem umas cinco vezes o que você ganha no Banco do Brasil.

E da mesma forma vale para um gerente do Banco do Brasil. Porque nós vamos fazendo juízo de valores muitas vezes equivocados e muitas vezes, eu diria – uma palavra bem chula –, emprenhado, nós vamos fazendo juízo de valores das pessoas. Então, quando nós vemos um gerente do Banco do Brasil, nós achamos que ele ganha 40 mil, 50 mil, 60 mil, 80 mil, 90 mil, quando, na verdade, se a gente for ver, possivelmente, a média fica entre 12 mil – das grandes agências pode chegar a doze, das pequenas pode chegar a oito –, o que é um salário pequeno diante da responsabilidade que tem um gerente do Banco do Brasil, de prestar o seu serviço.

Eu estou correndo o risco, ministro Guido Mantega, ministra Dilma e o companheiro Dida, de já ter alguém fazendo uma pauta de reivindicação aí.



Mas como nós não estamos na data-base, é só em setembro, nós temos um tempo de conversar e fazer um acordo.

Mas eu estou dizendo isso porque às vezes eu fico ofendido quando as pessoas tentam nivelar o Estado por baixo. Eu conheço funcionário do governo que eu achava que ganhava muito e ganhava R\$ 26 mil por mês, que saiu para ganhar R\$ 200 mil e receber dois anos adiantado. Eu conheço funcionários do governo brasileiro que ganhavam R\$ 24 mil por mês, que foram convidados a trabalhar em empresa multinacional ganhando algumas dezenas de milhares de dólares por mês. E, quando estão do nosso lado, são marajás, não têm competência e não trabalham. Quando vão para o lado de lá, são *experts*, são especialistas, são quadros, são sumidades.

Então, eu penso, companheiro Dida, que eu queria dizer essas palavras aqui porque depois eu vou cobrar o trabalho deles e é importante a gente começar valorizando aquilo que a gente tem de melhor, que é o nosso servidor público brasileiro, seja ele de banco privado... seja ele dos bancos públicos, seja ele dos ministérios.

Bem, no caso do Banco do Brasil, há uma coisa extremamente importante: eu acompanho o Banco do Brasil há muito tempo. Há muito tempo, porque eu fui dirigente sindical, porque participei de dezenas de greves. Porque, quando se fala em greve de bancários no Brasil, a gente pensa que são os bancários que fazem greve. Que nada. Quem faz greve é o Banco do Brasil ou a Caixa Econômica Federal, ou seja, que é onde tem uma estabilidade e as pessoas sabem que não vão perder o emprego por causa da greve. Em alguns dos outros privados, o pessoal sabe que corre o risco que não corre no Banco do Brasil.

Mas, então, eu acompanho há muito tempo o Banco do Brasil, desde da década de 70. Eu lembro de uma greve difícil, difícil, que eu fui embaixo da Câmara Municipal de São Paulo tentar acabar com essa greve e o pessoal radicalizado... Você era governador, viu, Maluf? Era uma greve radicalizada, a



polícia acochando os trabalhadores e eu fui lá para ajudar. Na época, o presidente do Sindicato ainda não era o Gushiken, era o Augusto, para tentar ver se a gente resolvia a questão daquela greve.

Então, eu acompanho muito os bancários e os bancários foram uma categoria sempre muito aliada dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Ou seja, sempre trabalhamos muito juntos, os dois sindicatos sempre se entenderam muito bem, por isso que são dois dos sindicatos mais importantes do sindicalismo brasileiro, que são os bancários e os metalúrgicos do ABC.

Mas, então, eu acompanhei muito essa vida dos bancários e via, quantas vezes, manchetes estampadas nos principais jornais brasileiros falando do déficit do Banco do Brasil. Aquela manchete, ela cheirava a gosto de privatização. Nada melhor do que você mostrar que o banco é deficitário para você, então, justificar a privatização. Graças a Deus o Banco do Brasil não foi privatizado, ou seja, abriu para a venda de ações, e eu acho que isso foi um bem para o Banco do Brasil sem que o banco perdesse a sua essência de banco público.

E, depois, eu lembro, no governo, quando a gente logo tomou a atitude de fazer com que a gente comprasse o Banco do Piauí. Está lembrado, Guido Mantega? Compramos o Banco do Piauí, depois compramos o Banco de Santa Catarina. Depois, nós até iríamos comprar outros. Acontece que quando a gente pensa em comprar, as pessoas logo aumentam o preço, sabe? “É o Banco do Brasil?” “É”. “Então, vamos aumentar o preço aqui e dar uma ‘tacadinha’ ali”.

Tivemos a decisão, no auge da crise, de comprar a Nossa Caixa. Não pensem que as pessoas queriam que nós comprássemos a Nossa Caixa. Não porque ela não fosse um banco bom, não porque ela não tivesse condições. Eu sei que aqui tem muito gerente da Nossa Caixa já com o adesivo do Banco do Brasil. Se não está na roupa ainda, está no coração já, e eles vão perceber que foi um avanço extraordinário o Banco do Brasil adquirir a Nossa Caixa.



Mas muita gente não queria que comprasse porque: “Olha, porque o Lula vai comprar a Nossa Caixa em um ano que antecede as eleições? Vai colocar R\$ 6 bilhões na mão de um possível candidato a presidente da República, de uma pessoa que vai disputar a eleição?” E eu, sinceramente, não conseguia ver assim. Eu consegui entender o seguinte: o Banco do Brasil já não era o banco mais importante do Brasil, já não era o primeiro, ele tinha perdido espaço. Era uma oportunidade extraordinária do Banco do Brasil crescer no estado de São Paulo, e nós dissemos ao companheiro Dida: olha, se o negócio é bom, faça a avaliação e faça o negócio. As eleições serão em um outro momento, uma outra história, mas não vamos trincar a possibilidade do Banco do Brasil pela mesquinha política e porque tem eleições no próximo ano.

Quando veio a crise financeira mundial... eu não acredito, Guido, que na história do Brasil um presidente do Banco do Brasil se reuniu tanto com o Ministro da Fazenda e com o Presidente da República como o Dida se reuniu e outros dirigentes antes do Dida se reuniram, para discutir a questão da redução do *spread* bancário e para discutir a questão do financiamento do crédito. Nós estávamos vendo que o crédito de repente desapareceu do mercado. É como se fosse num passe de mágica, todo o crédito, mais ou menos em setembro, agosto de 2008, desapareceu. Então empresas... Eu não sei se eu poderia utilizar a Luiza como exemplo, mas pessoas que eram ligadas a banco há 40 anos, há 30 anos, pessoas que eram consideradas clientes especiais, de repente não conseguiam 10 “mil réis” para capital de giro. De repente aquele cliente especial virou um assombro para a maioria dos bancos no mundo e no Brasil. E nós então começamos a tomar atitude para que os bancos públicos assumissem a responsabilidade de não permitir que o crédito desaparecesse nesse país.

Foram brigas homéricas, brigas... Brigas, não, porque um presidente da República de fato não deveria brigar, ele poderia mandar. Se o cara não fizer,



manda embora e coloca outro. Mas como nós adotamos uma atitude republicana e democrática, é melhor a gente conversar, discutir e ver as possibilidades, é sempre um jeito de fazer as coisas acontecerem da forma mais primorosa.

Se fosse um jogador de bola, o Banco do Brasil dizia: “Nós queremos dar o nosso melhor”. Era tudo o que o Dida dizia: “Nós queremos dar o nosso melhor”. E esse nosso melhor está acontecendo agora. Nós provamos que o Estado não é ineficaz, como alguns queriam fazer crer, durante as últimas três décadas. Nós provamos que o Estado não precisa se meter a ser um gerente, a ser um empresário. Mas o Estado tem que ser o grande indutor e o grande regulador das coisas que devam acontecer em uma nação.

E foi essa indução que fez com que nós tomássemos a decisão de comprar 50% do Banco Votorantim. Nós precisávamos financiar o mercado de carro usado. Os bancos pequenos, que tinham carteira, não tinham mais crédito. O Banco Votorantim era o banco privado que tinha a maior carteira de carro usado. Eu não sei se o número está correto, por volta de R\$ 90 bilhões de financiamento. Ou seja, nós, então... Eu lembro que um dia eu falei com o Dida, o Dida falou: “é, nós num tem *expertise*”, nós num tem *expertise* para financiar carro usado”. Mas até formar *expertise*... Você imagina: se para formar um diretor, eu levo trinta anos, para formar uma cara com *expertise* em carro usado, ia levar mais trinta anos... A crise levava de rodo até o Obama! Quanto mais o Lulinha aqui, que estava, sabe, no final. Bem, então, nós decidimos o que? Bom, então, em vez de a gente ficar aprendendo *expertise*, vamos comprar quem tem *expertise*. E compramos logo 50% do Banco Votorantim.

Também quero dizer para vocês, viu Dida, que havia muita gente que ficava: “Ô Lula, não faça isso, isso não é bom...” Eu falei: Meu filho, eu não estou preocupado com o que é bom, o que é ruim, eu estou preocupado é o seguinte: esse país não vai deixar de ter crédito. O que está matando esse



país... Porque, veja que absurdo, companheiros: precisou ganhar a eleição nesse país um metalúrgico que não é economista, que não é cientista político, que a vida inteira, trinta anos, acreditando no socialismo – viu, Guedes –, trinta anos. Então, é um metalúrgico, socialista, para dizer para esse país: não é possível um país capitalista, sem capital, sem financiamento e sem crédito. Ou a gente coloca essas coisas que são as premissas de um sistema capitalista para funcionar, ou não funciona. Durante 25 anos, este país tinha parado de fazer financiamento, de fazer empréstimo, era proibido crescer, era proibido. Os bancos tinham desaprendido a fazer financiamento.

Então, nós tomamos a atitude de fazer o quê? Ô Dida, você poderia ter falado aqui. Em março de 2003, quando eu já tinha dois meses na Presidência da República, meu caro Maluf, o Brasil inteiro, o Brasil inteiro, de 190 milhões de habitantes tinha disponibilizado, de crédito, apenas R\$ 381 bilhões. Hoje, só o Banco do Brasil, Guido, já tem por volta de 320 bilhões. Isso, em dezembro. Se pegar janeiro e fevereiro, com essa bola toda do crescimento, já deve estar com 330. Mas o que é importante? É que o Brasil inteiro saiu de 381 bilhões de crédito para R\$ 1 trilhão, 410 bilhões de crédito neste país.

E eu dizia, hoje: o que nós fizemos? Nós não fomos atrás de nenhum Prêmio Nobel, nós fizemos o óbvio. Na verdade, foi o “prêmio óbvio”, prevaleceu a obviedade, ou seja, é preciso colocar dinheiro em circulação neste país. O crédito consignado, parecia... Eu, meus companheiros, durante 30 anos eu convivi com parte dos grandes economistas deste país, o Guido se lembra. A gente, nas nossas discussões, nunca discutia crédito consignado. A gente discutia a dívida externa, dívida interna, o aumento da poupança, *default*. Até hoje eu não sei o que é o *default*, mas eu achava tão bonito as pessoas falarem *default*, que eu falava *default*.

Pois bem, o que nós fizemos com o crédito consignado? Nós colocamos dinheiro na mão de aposentado e demos como garantia não a carteira profissional do vizinho, demos a sua conta bancária. Nós demos de crédito o



contracheque da Previdência Social. Garantimos que os sindicatos fizessem acordo com as empresas e dessem como garantia o seu holerite de pagamento. Nesses cinco anos, mais de R\$ 110 bilhões já foram emprestados no crédito consignado. Dinheiro que circulou por aí, dinheiro que não foi ser depositado em lugar nenhum, mas dinheiro que entrou no supermercado, que comprou um pão a mais, comprou um sapato, uma meia, comprou um vestido. A Marisa [Luiza] vendeu geladeira, vendeu roupa, vendeu tudo o que ela quis vender. A Luiza vendeu tudo. Por isso que ela está rindo assim, agora. Vendeu tudo! Por quê? Porque o dinheiro chegou.

Vocês imaginam o orgulho que eu sinto quando pego um jornal e vejo o jornal dizendo que a economia de um lado fracassou e de outro lado mostrando que é exatamente no Norte e no Nordeste do País, onde as classes D e E consumiram mais do que as classes A e B do Sul do País. Ou seja, o pobre teve acesso a dinheiro neste país. E é isso que mudou. E esse papel não aconteceria se não fossem os bancos públicos, se não fosse o Banco do Brasil, se não fosse a Caixa Econômica Federal. Nesses dias eu estava vendo em um programa, Dilma, a Caixa Econômica Federal saiu, de financiamento de habitação, de R\$ 5 bilhões em 2003 para [R\$] 45 bilhões em 2009 – são nove vezes o aumento.

O BNDES saía de 38 bilhões, 39, 37 para 139 bilhões no ano passado. Esse dinheiro está gerando alguma coisa neste país. De repente aparecem alguns e falam: “Ah, esse governo tem muita sorte”. E nós realmente precisamos de sorte. Porque, imagina se aquele jogador do Corinthians, um tal de... que perdeu o gol no final do jogo. Hein? O Tcheco. Ô, gente, se o Tcheco tivesse a sorte que eu tenho, ele tinha marcado aquele gol de cabeça e o Corinthians tinha empatado. Ora, pô. Eu não quero no meu time um jogador azarado, por que eu vou querer para o meu país um presidente azarado que não tenha sorte? Eu quero alguém que tenha muita sorte, porque é o que este país está precisando.



E estava ouvido a companheira Dilma falar e ouvi as palavras dela. É verdade: o orgulho que nós estamos recuperando, uma coisa nossa. Não era possível, como nós tínhamos vergonha de sermos brasileiros. As pessoas, se pudessem sair daqui e buscar o passaporte em qualquer país vizinho, iriam, só para dizer: “eu não sou brasileiro”. Quando, na verdade, qual o país do mundo que tem um povo que pode ter mais orgulho do que nós?

O pessoal dizia, antes: “Olha, Deus não foi muito justo com o Brasil, porque Deus deu furacão para outros países, deu terremoto, deu neve; para o Brasil, deu uma classe política que não governava corretamente o Brasil”. Isso é uma bobagem, porque a gente muda de quatro em quatro anos. De quatro em quatro anos a gente pode mudar o destino deste país, o destino da cidade, o destino do estado. É que, muitas vezes, nós, em vez de agirmos, ficamos reclamando. É mais fácil reclamar. É mais fácil a gente acordar de manhã achando que nada vai dar certo. “Ah, vai chover, eu não vou sair de casa”; “ah, vai fazer muito sol, eu não vou sair de casa”; “ah, nem chove, e nem faz sol; o que é que eu vou fazer?” Não há espaço para as pessoas que não têm determinação. Não há espaço para as pessoas que não ousem perseverar todo santo dia. Não há espaço para uma pessoa que não levante todo dia querendo vencer.

Vocês, companheiros e companheiras, que são gerentes e diretores deste extraordinário banco, tão elogiado na tarde de hoje – nunca vi tanto elogio na minha vida. Possivelmente, mais ou menos próximo, quando eu ganhei as eleições – só depois de ganhar. Mas durou apenas um tiquinho, porque quando fui montar os ministérios, já começaram as críticas. Mas vocês, companheiros que são gerentes, trabalhem com a seguinte convicção: um gerente do Banco do Brasil, um diretor do Banco do Brasil não é pouca coisa; ele é muita autoridade. Se ele for humilde, ele já é uma grande autoridade. Só pelo fato de ele ser gerente. Imagina se ele for pomposo, então? Se ele for daqueles que andam com o nariz em pé. Aí fica hiperimportante, mas não fica



respeitado. É melhor autoridade com humildade do que a arrogância sem humildade.

Então, quando... Eu fico imaginando por que o Dida... Prestem atenção em uma coisa, companheiros e companheiras. Ô, Guido, é melhor falar “companheiros e companheiras” do que falar “todos e todas”. “Companheiros e companheiras” dá um componente de classe mais vivo, demarca mais o campo de classe dos bancários do Banco do Brasil e do governo. “Todos e todas” é uma coisa... “Companheiros e companheiras”. Estamos mais próximos, mais aconchegados.

Então, eu queria dizer, meus companheiros e companheiras: eu não sei se vocês têm dimensão... Porque hoje eu sou o presidente da República, então, eu entro em um lugar, eu sou importante. Mas eu sou cliente do Banco do Brasil antes de ser Presidente da República. E de outros bancos.

E se a gente entra no banco, a gente... Em um banco, a gente tem a mesma sensação de um hospital. Qual é a sensação que vocês sentem, quando vocês entram em um hospital e você está esperando uma palavra de conforto da atendente, você está com uma dor desgraçada, querendo que alguém te dê uma coisa milagrosa, e você encontra uma funcionária mal remunerada, mal humorada e querendo se vingar em você, achando que se ela tratar você mal, ela vai receber aumento de salário?

Imagina no banco também ser assim. Se você entra em um banco, com uma dívida no pescoço, não é, Luiza, uma dívida aqui, precisa pagar alguma coisa hoje, está vencendo o meu precatório aqui, está vencendo a minha... uma dívida qualquer que eu tenho. Aí, eu vou ao gerente, chego lá e encontro um cara mal humorado, corinthiano, não muito contente com a derrota de domingo: “O que você quer? Já preencheu a ficha? Volta amanhã”. Pronto, desgraçou, foi à falência.

Então, um sorriso, um tratamento afetuoso, uma pergunta carinhosa, um gesto, um aperto de mão, um tapinha nas costas, um abraço, vocês não sabem



como faz um bem, mesmo para quem não está precisando de nada, imaginem para quem está precisando de um emprestimozinho do Banco do Brasil, mesmo que seja de R\$ 100,00, 50, 200. Se é um daqueles pobrezinhos que chega com sandália havaiana... Antigamente, andava de alpargata rosa, aquela que as cordas iam soltando atrás, ele entrava no banco e a corda ficava lá no portão, lá na porta do banco. Imagine esse pobre coitado entrar lá pedindo R\$ 1 mil para fazer um empréstimo do Pronaf, se ele encontra um gerente bem nervoso. Ou porque o Corinthians perdeu, ou porque a mulher não tratou ele bem, deu uns cascudos nele. Imagine se ele tenta se vingar no pobre coitado.

Então, eu queria dizer para vocês: vocês são muito importantes. São muito importantes, e não pensem que eu estou falando isso porque eu sou presidente da República. Daqui a nove meses eu não sou mais presidente da República. E todos vocês sabem que quem não tem mandato, nem vento bate nas costas, nem vento, sabe? Eu tenho clareza disso. Eu tenho clareza.

Quando chegar dia 2 de janeiro, 2 de janeiro... Não, dia 1º tem a posse. Dia 2, Maluf, quando eu chegar em casa, eu não vou ter ninguém para xingar, não vou ter ninguém para pedir para ligar. E aí quando eu ligar para alguém que eu pensava que era meu conhecido, o cara fala: “Quem? Que Lula?”. Então, eu tenho consciência disso. Então, eu não estou falando isso para vocês porque eu sou o presidente da República, eu estou falando isso para vocês porque eu sou cidadão brasileiro e porque vocês têm muita importância.

Quando um cara entrar na agência do Banco do Brasil, por favor, ali está entrando um brasileiro, que não quer outra coisa na vida, a não ser uma ajuda. E, naquele momento, quem pode ajudá-lo são vocês. Mesmo para dizer “não”, digam com um sorriso. Porque um “sim” mal-humorado é a mesma coisa que dizer “não”.

Com isso, meu querido Dida, eu queria te dar os parabéns. Dar os parabéns a toda direção do Banco do Brasil, a todos os funcionários e funcionárias, porque se tem uma coisa que vocês fizeram neste ano, além de



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

fazer o crédito, foi lavar um pouco a alma daqueles brasileiros que ainda acreditam no setor público brasileiro, que ainda acreditam no Estado brasileiro, que ainda acreditam que um banco como o Banco do Brasil pode ensinar os outros bancos a fazerem crédito para o povo brasileiro.

Um abraço, boa sorte e que Deus abençoe a todos vocês.

(\$211A)